

## Episódios

Coordenação: José Diniz

### “ATÉ ONDE NOS LEVA UMA BÍBLIA”



Recentemente, “caiu” na caixa de correio do meu e-mail uma mensagem do Coronel Martins Lopes, um amigo de longa data, a enviar uma entrevista que ele deu à Agência Ecclesia, em Abril, a propósito de uma Bíblia. Depois de ler o seu depoimento, achei que era um “episódio” interessante para inserir nesta página do ELO. Logo lhe pedi para escrever um texto da sua autoria e, em resposta, deu-me inteira liberdade de usar a entrevista para editar o texto que coubesse neste espaço. Dada a extensão da entrevista, optei por centrar a ação no relato do precioso “achado” que teve lugar no decorrer da “Operação Buraco”, em 1968 levada a cabo contra uma base da UNITA, no sudeste de Angola, em que participaram forças da CCaç 1779, de cujo comandante era adjunto o então Alferes Martins Lopes, de um Grupo de GE e de uma Unidade de Comandos. O Coronel Martins Lopes é amigo de longa data da ADFA, que visitava muitas vezes quando era ajudante de campo do Marechal Costa Gomes e enquanto o saudoso Coronel Jorge Maurício foi vivo, com quem mantinha uma forte amizade, a que não era alheio o facto de terem estado ambos ligados à CCaç 3396, em Moçambique. O ELO teve o prazer de contar com a sua presença na comemoração do seu 42.º aniversário.

“(…) Desloquei-me depois com os Comandos à base inimiga, da qual se tinham desviado, na expectativa de encontrar algum elemento inimigo morto ou ferido, em especial aquele que tinha alvejado, mas só encontramos algumas munições e muita documentação importante em inglês. Respirei de alívio e de gratidão ao Destino por me ter poupado a uma situação demasiado constrangedora, que seria a de ter de me confrontar com alguém, ferido ou morto pelo meu próprio disparo.

Tínhamos acabado de assaltar uma base conjunta da UNITA e da SWAPO (Organização dos Povos do Sudoeste Africano), o que justificava o interesse dos sul-africanos na operação e o grau de apoio que há muito nos vinham prestando. Na volumosa documentação reunida a esmo no objetivo despertou-me logo a atenção um enorme livro de capas pretas.

-Deixem-me ver! Esse é para mim!- disse para os Comandos, já movido por uma enorme curiosidade.

Acabara de pegar num livro intitulado em letras douradas: “BÍBLIA, MBIMBILYA”, uma versão em português e luchazi, editado por Depósito das Escrituras Sagradas, Rua Passos Manuel, Lisboa, 1963. Coloquei-a rapidamente dentro da mochila para mais ninguém ver o meu “despojo de guerra”. No rescaldo bem sucedido da operação, tive direito a visitar o Administrador do Dirico e ir pernoitar à base sul-africana do Runtu, no Sudoeste Africano, dotada de requintadas condições de estadia para o seu pessoal, qual oásis no deserto.

Na base sul-africana do Runtu senti-me um estranho, qual figurante no cenário de um qualquer filme de guerra, apesar de reconfortado com uma espreitadela fugidia ao meu despojo de Guerra, onde reencontrei alguns textos do Novo e do Velho Testamento que me tinham sido dados a conhecer no Liceu, nas aulas de Religião e Moral.

(…) Foi grande a minha surpresa pois estava longe de imaginar que os guerrilheiros da UNITA ou da SWAPO tivessem uma formação religiosa de origem cristã. Afinal parecia estarmos divididos pela Política, mas unidos pela Religião. Parecia vislumbrar a esperança da reconciliação futura dos ex-combatentes, de ambos os lados. Naquela base encontrava afinal mais fatores de eventual aproximação que de conflito.

Sempre considerei a BÍBLIA, MBIMBILYA, não um despojo de guerra no sentido lato da expressão, mas sim algo precioso que me foi entregue pelo Destino, para devidamente preservar.

Aquela BÍBLIA, MBIMBILYA, em português e luchasi, não só alertava para raízes culturais comuns aos combatentes de ambos os lados, como também poderia ser veículo de aproximação e reconciliação depois de silenciadas as armas. Nos últimos Convívios anuais de ex-combatentes, que passam pela celebração de uma Missa por intenção dos ex-combatentes falecidos, tem sido habitual fazer uma leitura através da BÍBLIA, MBIMBILYA.

Em 2016, em Barcelos, passados 48 anos fiquei a saber pelo Frei José Maria que aquela Bíblia, escrita em português e luchazi, era de origem protestante, pois não tinha aditamentos ou explicações suplementares aos textos sagrados, dando a cada crente a maior liberdade de interpretação.

Só no final de 2016 me decidi a fazer um novo esforço para tentar localizar o legítimo dono da BÍBLIA, MBIMBILYA, depois de ter tentado, mas sem sucesso, encontrar o responsável operacional da UNITA para o Cuando Cubango.

A circunstância feliz de ter sabido da presença do Padre Augusto Tchimbali, no Colégio Pio XII, natural de Menongue, Cuando Cubango, conhecedor da língua luchasi, levou-me ao seu contacto e à revelação do meu propósito de tentar encontrar o legítimo proprietário e o regresso da BÍBLIA, MBIMBILYA ao Cuando Cubango.

Apesar da sua boa vontade não diminuíram no entanto as dificuldades de chegar ao meu objetivo inicial, pelo que, não prescindindo de continuar com as minhas investigações, optei por entregar já a BÍBLIA, MBIMBILYA ao Padre Augusto Tchimbali, para a levar já para o Cuando Cubango, após o seu breve regresso a Menongue, no Cuando Cubango.

Sempre senti que a BÍBLIA, MBIMBILYA não me pertencia. Fui o seu depositário durante quase 50 anos. Mantê-la comigo era violentar o significado libertador que sempre tinha tido para mim e transformá-la em despojo de guerra. Agora sim, julgo ficar encerrado e sublimado o meu tempo de guerra em Angola que desejo partilhar com todos, angolanos e portugueses.

A BÍBLIA, MBIMBILYA está em boas mãos, com alguém que a sabe ler e interpretar nas duas línguas. Regressa às origens, ao reencontro daquilo que mesmo em tempo de guerra estava presente em ambos os lados da barricada, a Esperança no Futuro.

- Não sinto nostalgia pela guerra!...

Julgo que não seria necessário fazer esta confissão depois de tentar valorizar tanto a BÍBLIA, MBIMBILYA.

A guerra foi violência, sobre as mães, a quem arrancaram os filhos; sobre as populações nativas, tornadas bolas de bilhar de cada um dos contendores na procura insaciável da sua 6 conquista e do seu apoio; sobre os próprios soldados, desconhecedores da génese do conflito e dos seus principais intérpretes; ...

Evocados os mortos, há que olhar para os sobreviventes, para que o tempo de paz alcançado não volte a ser alicerce ou fermento de novos conflitos, pois manter e alimentar o clima de guerra em tempo de paz, será a continuação daquela sob outros meios.

Sempre senti que a Religião tinha um papel especial a desempenhar nos esforços de sublimação em tempo de Paz, em especial no apoio aos ex-combatentes, reforçando-lhes o nível de confiança no futuro.

- Padre Augusto Tchimbali, obrigado, Ndjina sakuila!”

Manuel Maria Martins Lopes

## Editorial

Pela Direção Nacional



### Geração da Rutura

No mês de maio afirmámos a nossa maturidade associativa e humana. Sublinhámos a nossa evolução como testemunho vivo da História Contemporânea de Portugal. Fomos reconhecidos na Democracia portuguesa, enquanto Associação de homens que cumpriram no Serviço Militar Obrigatório, na Guerra Colonial, com o sacrifício da sua juventude atravessada pela deficiência.

Neste mês de brio, em homenagem aos que já partiram, e de estímulo aos que continuam a batalhar pela “força justa das vítimas de uma guerra injusta”, assumimos sem rodeios a nossa essência. Através da publicação do livro que mostra todas as etapas da história da ADFA, trazemos à sociedade um reforço da Memória coletiva sobre tantos que, em cada dia, deram o seu contributo decisivo através da nossa Associação.

Encerra-se o ciclo do império com um ciclo vivo e vibrante de reintegração, de cidadania e de respeito pela Memória, cumprindo-se os direitos humanos. Somos parte dessa vaga que atravessa e transforma a contemporaneidade e que não deixa ninguém indiferente. Nunca abdicámos de ser voz ativa. Assumimo-nos como entidade parceira, num trabalho permanente com as Instituições da República. Nesta obra fica patente o contributo cívico da ADFA, pois colocámos um “padrão dos descobrimentos”, um marco indelével, pela preservação da Memória, lançando esta obra que conta a nossa história.

O livro sobre a história da ADFA é, sobretudo, uma frontal exposição do nosso todo, como homens portadores de deficiências de guerra agregados pela vida associativa. Nas referências que também foram colhidas através do nosso jornal ELO, mostramos, assumimos e orgulhamo-nos de todos os nossos momentos e vivências.

Na celebração deste 43º aniversário da ADFA, entre as individualidades que nos brindaram com a sua presença na Sessão Solene e na apresentação do nosso livro, saudámos cada associado e congratulamo-nos com a sua participação ao longo destas quatro décadas.

Somos a “Geração da Rutura” e afirmamos desassombadamente a nossa Memória como contributo da ADFA à sociedade portuguesa, para que os cidadãos possam preservar o Futuro na Paz, na Cidadania e no respeito pela Dignidade Humana.